

Novos capítulos de Manuelito

Manuelito Eduardo Pinheiro Campos. Jornalista, escritor, teatrólogo, artista plástico. Com uma rapidez de raciocínio impressionante, Eduardo Campos é um dinamo. Cheio de projetos, ele lança amanhã, no Centro Cultural Oboé, dois novos rebentos literários, a se somar à sua extensa bibliografia: "A Última Ceia do General", peça em um ato, e "Vocabulário Antigo e Mais Coisas não Menos Longevas". Hoje, Dia Nacional do Livro, confira na página 6 outras dicas literárias

Quando completou 80 anos, Eduardo Campos se impôs um desafio: escrever novamente uma peça de teatro, passados 40 anos desde "Rosa do Lagamar". Pois em uma sentada o novo texto estava pronto. O resultado é "A Última Ceia do General", que lança amanhã, recheado com ilustrações de Audifax Rios.

A obra conta a história de um general de 89 anos, um saudosista sem audiência, sem público, sem batalhas.

Ao lado do general, estão outros personagens: a governanta Eveline, o jardineiro Creso, o soldado Romualdo e figurantes. Em um ato, a escrita de fina ironia, mas de compaixão, mostra um jantar promovido pelo general, em que ele lembra a Batalha do Campo das Éguas Brancas, luta que, na verdade, nunca existiu, a não ser na imaginação pródiga do militar.

O texto é uma metáfora do cotidiano. "É uma lição sobre nós mesmos, que somos generais em batalhas que fazemos na vida, e que, muitas vezes, nem existem", explica Eduardo Campos.

Como não tinha audiência para suas histórias, o general promovia jantares, onde "subornava" os convivas, apenas para contar suas histórias - tudo ficção, obra da imaginação de um militar que nunca havia ido a um campo de batalha.

As ilustrações de Audifax Rios complementam o texto. Destaque para a reprodução da Batalha, inspirada na "Guernica", de Picasso. Audifax faz uma espécie de Guernica nordestina, com o sol escaldante do sertão, o boi, o candeeiro e o chapéu de vaqueiro compondo a paisagem. Outros desenhos em nanquim deixam a leitura mais leve, enquanto a angústia do General se aprofunda, ante o desfecho.

Eduardo Campos tem alguns textos teatrais célebres. "O Demônio e a Rosa", sua estréia, foi considerado de vanguarda. A montagem tinha um cenário em três planos, algo incomum na época, feito pelo artista plástico Zenon Barreto.

Depois vieram "O Morro do Ouro", "Donzela Desprezada", "Nós, as Testemunhas" e "Rosa do Lagamar".

"Nós, as Testemunhas", inclusive, será encenado pelo Grupo Balaio, em março do próximo ano. O Balaio havia montado peça de Campos, "Donzela Desprezada". Além do Balaio, a Comédia Cearense, de Haroldo Serra, e o teatro-escola Nadir Papi Saboya já subiram ao palco para mostrar textos do escritor.

CRÔNICAS — Eduardo Campos aproveita a noite de amanhã para lançar também "Vocabulário Antigo e Mais Coisas não Menos Longevas". Em duas partes, a obra traz crônicas já publicadas no Diário do Nordeste, reescritas pelo autor, com suas lembranças e fatos do Ceará, de uma Fortaleza descalça, sem asfalto, na base do calçamento e da terra batida. Daí o autor se vale de um vocabulário de termos que não se usam mais com tanta frequência, mas que ainda permanecem no imaginário.

Ele salienta a crônica da antiga catedral, hoje reduzida à pó; no texto, conta como a conheceu ainda menino, levado pela mãe, quando tinha oito anos. Entre outras, há cinco crônicas sobre a Praça do Ferreira, a antiga e a atual, passando pela Oliveira Paiva. Artista completo, Eduardo Campos assina ainda a capa do livro, com base em foto feita por Boris, do Passeio Público, em 1908.

André Marinho
Da Editoria do Caderno 3